



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**DAVID WAGENER COIMBRA**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias  
**Número da entrevista:** E-720  
**Entrevistado:** David Wagener Coimbra  
**Nascimento:** 28/04/1962  
**Local da entrevista:** Skype  
**Entrevistadora:** Luiza Aguiar dos Anjos  
**Data da entrevista:** 16/06/2016  
**Transcrição:** Ian Massumi Carneiro Ogawa  
**Copidesque:** Wiliam Charles Gomes  
**Pesquisa:** Wiliam Charles Gomes  
**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner  
**Total de gravação:** 30 minutos e 15 segundos  
**Páginas Digitadas:** 12  
**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Tese de Doutorado de Luiza Aguiar dos Anjos intitulada *De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da Alegria”*: uma história da torcida Coligay apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em agosto de 2018

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Relação do entrevistado com o futebol; Impressão sobre torcidas organizadas; Carreira no jornalismo; Lembranças da Torcida Organizada Coligay; Relação do Grêmio com a Coligay; Torcida formada por homossexuais.

Porto Alegre, 16 de junho de 2016. Entrevista com David Coimbra a cargo da pesquisadora Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A – Bom, David, primeiramente quero te agradecer por me conceder essa entrevista. Para iniciar, gostaria que você começasse a me falar como começou a sua relação com o futebol?

D.C – Desde pequeno né. De gostar, de jogar, de torcer. Enfim, como torcedor mesmo, como apreciador do futebol, como a maioria dos guris brasileiros... Eu fui criado em subúrbio, então, a nossa vida era jogar bola, era falar de futebol, isso aí [riso].

L.A – E você costumava frequentar estádios? Você acompanhava futebol frequentemente?

D.C – Ia, ia bastante.

L.A – Você chegou a fazer parte de alguma torcida organizada?

D.C – Não, nunca fui sócio de clube nenhum. A não ser do Zequinha<sup>1</sup>, o São José que era o clube ali perto de onde eu morava.

L.A – E você costuma se atentar às torcidas, aos torcedores? As pessoas que estão assistindo futebol te chamam a atenção?

D.C – Claro, o torcedor é a essência do futebol. Se tiver algo que faz diferença no futebol é essa paixão da torcida, a ação da torcida, isso é muito importante para o jogo.

L.A – E como é que você caracterizaria as torcidas do Grêmio<sup>2</sup> e do Internacional<sup>3</sup>?

---

<sup>1</sup> Esporte Clube São José.

<sup>2</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>3</sup> Sport Club Internacional.

D.C – Em primeiro lugar são torcidas que se espelham muito, como os clubes se espelham. Grêmio e Inter, gremistas e colorados dizem que se odeiam e tal, mas eles na verdade se admiram [risos]. Sabe? Tudo que é feito é sempre olhando para o outro lado. Então eles se tornam muito parecidos muitas vezes. Na história das torcidas assim, o Grêmio era o clube mais velho, em seis anos naquele tempo, sobretudo assim, faz muita diferença. Mas o Inter se abriu para os negros antes do Grêmio. Isso fez com que a torcida do Inter se tornasse mais popular. Abriu-se para os negros e tinha um grande incentivador que era o Vicente Rao<sup>4</sup>. Ele foi Rei Momo em Porto Alegre e ele criou a primeira torcida organizada, que foi uma torcida organizada do Inter. Ai um amigo do Vicente Rao, um gremistão, que era o Salim Nigri criou a torcida organizada no Grêmio. Grêmio e Inter ficavam na Rua da Praia<sup>1</sup> em prédios contíguos, só uma parede dividiam um e outro, os clubes. Então eles trocavam muito. Depois o Grêmio se abriu para os negros também e a torcida do Grêmio também cresceu muito, começou a ter conquistas. Hoje as pesquisas mostram que a torcida do Grêmio é levemente maior, é um pouco maior que a torcida do Inter. Mas na verdade isso não faz diferença, porque o que interessa é o comparecimento no estádio. O Inter tem mais sócios, por exemplo. Embora o Grêmio tenha muitos sócios também. Então eles se espelham muito. A torcida do Grêmio criou um tipo de torcer diferente no Brasil, parecido com os tipos da Argentina. E a torcida do Inter logo copiou. Então como a torcida do Grêmio copiou antes, a torcida do Inter copiou depois, sabe? Então eles se espelham muito, estão sempre fazendo coisas muito parecidas uns com os outros. São muito parecidos.

L.A – Você acha que tem algum perfil na manifestação do torcer destes clubes nas arquibancadas?

D.C – São muito parecidos. De Grêmio e de Inter tu diz?

L.A – Sim. Ou eventualmente, em comparação com outras torcidas do Brasil.

D.C – Isso pode ser porque as torcidas têm as suas características. Torcida do Flamengo<sup>6</sup>, por exemplo, as torcidas cariocas em geral, mas a do Flamengo em particular, ela é uma

---

<sup>4</sup> Vicente Lomando Rao.

<sup>1</sup> Rua dos Andradas, situada no centro de Porto Alegre.

<sup>6</sup> Clube de Regatas do Flamengo.

torcida muito bem humorada, que faz piadas, muito criativa, que cria “poeira poeira” aquele negócio da torcida do Flamengo. Outras coisas mais, de cânticos que a torcida do Flamengo cria. É uma torcida muito engraçada, muito criativa. A torcida do Atlético<sup>7</sup> é uma torcida muito vibrante, a do Atlético Mineiro. A gente vê que ela é muito apaixonada pelo Atlético Mineiro, então, muito concentrada em Belo Horizonte. A torcida do Grêmio tem essa relação com esse jeito de torcer argentino. E é uma torcida mais rabugenta, ela cobra muito dos jogadores, ela vaia. A torcida do Inter é menos rabugenta que a torcida do Grêmio. A do Grêmio é muito cobradora. A torcida do Palmeiras<sup>8</sup>, por exemplo, tem aquele negócio a famosa turma do amendoim do Palmeiras que fica criticando. A torcida do Botafogo<sup>9</sup> é um pessoal mais antigo. Então tem as suas características sim, tem seu jeito diferente um pouco de torcer.

L.A – E voltando agora um pouco para a sua profissão. Como que você ingressou no jornalismo? E se pudesse falar um pouquinho de sua trajetória de forma breve, porque sei que é uma grande trajetória, mas enfim, os pontos que você destacaria.

D.C – Eu sempre quis escrever. Eu sou jornalista para escrever, eu não escrevo porque sou jornalista. É o contrário. Então eu sempre quis trabalhar com isso, escrevendo. E por isso que eu me tornei jornalista, para escrever. Então era algo que desde pequeno eu já sabia que queria isso. Eu trabalhava já como jornalista, já como assessor de imprensa da Sulina. A Livraria e Editora Sulina que existia, agora não existe mais no Rio Grande do Sul. Fazia resenhas, acompanhava os autores. Mas eu queria trabalhar em jornal, em redação de jornal. E aí surgiu uma oportunidade no Diário Catarinense lá em 1985. E 1986 tinha fundado o Diário, então trinta anos. E eu comecei como repórter lá. E já comecei a me destacar um pouco na parte de esportes, que era uma das editorias que eu cobria. E em seguida eu ganhei uma coluninha lá no Diário e aí fui tocando.

L.A – E como é que você acha que o futebol se inseriu nessa trajetória? Isso foi uma busca sua? Isso veio de oportunidades que apareceram?

---

<sup>7</sup> Clube Atlético Mineiro.

<sup>8</sup> Sociedade Esportiva Palmeiras.

<sup>9</sup> Botafogo de Futebol e Regatas.

D.C – Não foi uma busca. Foi, como é que eu posso dizer, foi meio que um pouco casual, sabe? Eu fui empurrado para aquilo e as coisas foram acontecendo. Às vezes a gente planeja as coisas e tem um plano, uma perspectiva, uma ideia de como as coisas vão acontecer. E a realidade transforma tudo aquilo. Então não foi assim um caminho traçado anteriormente. Eu tinha uma ideia de coisas a fazer e a realidade foi me empurrando para esse caminho, empurrando pra isso.

L.A – E o seu ingresso na imprensa esportiva, especificamente, escrever sobre futebol eventualmente modificou a sua relação com o esporte?

D.C – Modificou. Modificou porque tu começa a ter relação com muita dessa parte, como é que eu posso dizer, essa parte menos nobre do futebol. Que é essa parte do dirigente, do negócio, do dinheiro. Isso é uma parte ruim. O bacana está dentro do campo, é a brincadeira, é a bola, é o jogo em si. Isso é o legal. E tudo que envolve o jogo. Isso é legal. Hoje o futebol perdeu muito daquela magia que ele tinha porque ele se transformou muito em um negócio. Os jogadores perderam muito da identificação que eles tinham com o clube, isso é muito ruim. Porque o futebol legal é a identificação, o centro do futebol é o clube. Sobretudo do futebol brasileiro. Todos, todos. Em todos os países amantes do futebol é o clube. É Barcelona<sup>10</sup> e o Real Madrid<sup>11</sup> na Espanha. São os clubes ingleses. O clube que é o centro. Então tu tens que ter essa relação com o clube, tem que ter um pouco dessa relação afetiva também. E todo o profissional, o bom profissional, é amador. Por que eu digo isso? Porque ele tem que gostar do que ele faz. Não pode ser só por dinheiro, entende? Qualquer coisa que tu faça na vida só por dinheiro, ela se transforma em uma atividade menor. Tu vai acabar ganhando dinheiro porque tu fazes bem porque tu gostas, porque tu tens paixão por aquilo, porque tu amas aquilo. Então tem que ter um pouco disso aí. Tem que ter esse envolvimento. E não tem. Tu pega uns caras como esse Neymar<sup>12</sup>, por exemplo, que é o maior jogador do Brasil. É uma figura meio triste assim, sabe? É o cara que naquele jogo na final do Santos<sup>13</sup>, já estava vendido para o Barcelona. Triste, uma

---

<sup>10</sup> Futbol Club Barcelona.

<sup>11</sup> Real Madrid Club de Fútbol.

<sup>12</sup> Neymar da Silva Santos Júnior.

<sup>13</sup> Santos Futebol Clube.

figura triste. Um cara que, o Brasil estava perdendo e se desclassificando e ele estava dentro daquela festa, chegou a ver no Whatsapp<sup>14</sup>?

L.A – Sim.

D.C – Triste. Isso é algo deprimente. É uma figura menor no futebol. Isso diminuiu o futebol, isso diminuiu.

L.A – E voltando agora um pouco mais para o meu objeto específico, você se lembra de ter visto alguma vez a Coligay<sup>15</sup>?

D.C – Como é que é?

L.A – Se você se lembra de ter visto a Coligay no seu tempo.

D.C – Sim, muito, muito.

L.A – E o que você se recorda dela lá na arquibancada?

D.C – Eles pulando, eles usavam umas roupas listradas assim engraçadas. Era divertido. A gente achava engraçado, era um pedaço folclórico da torcida.

L.A – E você se lembra da forma deles se manifestarem quando na arquibancada?

D.C – Sim, muito, muito. Era muito marcante. E o ano em que a Coligay mais se destacou, que surgiu, em 1977, foi o ano do Grêmio. O Grêmio montou um timaço, recuperou o campeonato, a torcida enchia o estádio, o estádio estava sendo reformado, estava aumentando. A partir dali o Grêmio em seguida ganhou o campeonato nacional, depois ganhou o campeonato do Mundo. Foi a partir dali. E a Coligay estava junto ali naquele troço. Ela parecia parte de tudo aquilo que estava acontecendo com o Grêmio. Fermentando, o clube estava fervilhando. A Coligay fez parte daquele cenário.

---

<sup>14</sup> Aplicativo de comunicação.

<sup>15</sup> Torcida Organizada Coligay.



L.A – Em termos de movimentação corporal, você seria capaz de descrever para mim como que era observá-los torcendo?

D.C – Eles faziam umas danças. Eu não me lembro agora exatamente como é que era, mas eu me lembro deles se movimentando. Faziam danças e ficavam em fileiras, com aquelas roupas. Eu me lembro muito daquelas roupas listradas. Não me lembro da coreografia em si, eu não lembro. Mas me lembro deles no estádio ali e era uma convivência. O futebol que é um ambiente machista, vamos dizer assim, e muito viril, tinha uma convivência muito pacífica. Mais do que pacífica, as pessoas gostavam da Coligay lá, pelo o que eu me lembre assim. E naquele tempo era quase que só homem que ia aos estádios e eu não ia muito. Mulheres não compareciam tanto quanto hoje.

L.A – Na sua lembrança, a relação que existia dos demais torcedores era uma relação amistosa?

D.C – Isso. Era amistosa. Porque também o ambiente no estádio, isso era outra diferença, o ambiente no estádio era diferente de hoje. Hoje está perigoso. Não só o estádio, a vida está perigosa no Brasil. As pessoas estão mais agressivas, mais violentas. Tinha briga, é claro que tinha briga, mas não era como hoje. As torcidas, Grêmio e Inter, ficavam meio a meio no Gre-nal. Metade do Grêmio, metade do Inter. Então não tinha essa periculosidade de hoje, era outro ambiente, outra maneira de torcer, de se comportar. Então a Coligay era muito bem recebida pela torcida. Entrava ali, fazia parte do cenário, do ambiente, de tudo. Era uma torcida pequena, então ficava em um cantinho.

L.A – Você se lembra em que local do estádio eles se posicionavam?

D.C – Eu me lembro deles lá, mas não lembro exatamente do local. Eu só me lembro deles, isso eu não consigo me lembrar.

L.A – E como era a relação dos torcedores do Inter com essa torcida?

D.C – A Coligay era em uma boate gay que existia em Porto Alegre que era a Boate Coliseu. E os torcedores do Inter, frequentavam outra boate que era a Boate Flowers. E

fizeram a Interflowers<sup>16</sup>, que era uma torcida gay do Inter. Mas ela não durou muito tempo. Mas também houve também uma resposta do outro lado. Como tudo no Grêmio e Inter tem. Uma coisa funciona de um lado, tem resposta do outro lado. Tem uma equivalência. Os torcedores do Inter criaram essa Interflowers, que era dessa outra boate.

L.A – Você também se lembra de ter visto a Interflowers?

D.C – Lembro. Ela não marcou tanto quanto a Coligay, porque a Coligay foi a primeira e todo mundo falava: “Coligay, Coligay, Coligay”. Eu me lembro dos Grenais e outros jogos do Inter que tinha. Mas assim, a maneira de como se expressavam, eu não consigo lembrar exatamente. A Coligay ficou muito marcada tanto que até hoje se fala: “Coligay, Coligay, Coligay”. Transformou-se em um símbolo de torcida gay no Brasil.

L.A – E você se lembra como é que a imprensa tratava a Coligay? Como que ela aparecia nos jornais, TV, rádio?

D.C – Com muita naturalidade. Eu não me lembro de ter havido uma manifestação de discriminação à Coligay. Eu não me lembro. Não me lembro de alguém ter protestado, ter reclamado. Foi com naturalidade. Até com uma surpreendente naturalidade, eu diria. Porque afinal de contas no Brasil e no Rio Grande do Sul existe, obviamente, preconceito contra gays, no mundo todo, mas teve muita naturalidade.

L.A – Você acha que a maioria dos torcedores do Grêmio que frequentavam o estádio ou acompanhavam futebol na década de 1970 e 1980, se lembra dessa torcida?

D.C – Claro. Até hoje é falada, até hoje é falada. Quem não se lembra, sabe que ela existia.

L.A – E como você acha que essa memória da torcida é mantida? Há estratégias por parte da torcida do Grêmio ou, eventualmente, do Inter em manter essa memória viva?

D.C – Não, não tem nenhuma estratégia. Tem porque o fato do futebol e foi a primeira torcida gay do Brasil. Foi muito falada, muito. Tanto que o Corinthians<sup>17</sup> na época que

---

<sup>16</sup> Torcida Organizada InterFlowers.

<sup>17</sup> Sport Club Corinthians Paulista.

também foi campeão em 1977, foi o ano que o Corinthians estava vinte e três anos na fila. No jogo final, Corinthians x Ponte Preta<sup>18</sup>, o Vicente Matheus<sup>19</sup>, que era o presidente do Corinthians, importou a Coligay. A torcida que diziam que era pé-quente. E a Coligay foi lá torcer pelo Corinthians. Então era muito conhecida no Brasil todo.

L.A – Sim. E nos anos seguintes até 1977, no título brasileiro do Grêmio que se seguiu, por exemplo, você se lembra de uma presença marcante da Coligay também?

D.C – Aí eu não me lembro. Eu não sei se ela continuou forte depois. Eu me lembro muito de 1977, 1978, que foram os anos de Telê Santana<sup>20</sup> no Grêmio. Mas depois disso em 1979 talvez. No campeonato brasileiro, 1981, primeiro campeonato brasileiro do Grêmio, eu não lembro de uma presença marcante dela, da Coligay. Eu até prefaciei o livro do Leo<sup>21</sup> sobre a Coligay. E ele conta essa trajetória. Eu não me lembro se ele já tinha sido extinto, é possível. Durou pouco, uns quatro ou cinco anos eu acho.

L.A – Sim, aparentemente sim. A maioria dos dados que venho encontrando aponta muito para 1977 e minha dúvida é o que se passou nesses anos todos?

D.C – É que 1977 foi um ano muito marcante no Grêmio. Não só pela retomada do campeonato, porque não foi só isso. O supertime do Inter, o Inter tinha um timaço. Ele montou um time muito bom. O time do Grêmio era, talvez, um dos melhores times que eu já vi jogar no Grêmio sabe? Era muito bom aquele time e era bom de ver aquele time jogar. Ele marcou muito no futebol aquele time do Grêmio do Telê Santana.

L.A – E você escreveu um livro sobre a história dos Gre-nais. Então você sabe muito bem sobre esses confrontos para além da sua vivência em Porto Alegre. Você poderia me falar um pouco sobre esse último jogo de 1977 no qual o Grêmio se sagrou campeão? Dessa virada.

---

<sup>18</sup> Associação Atlética Ponte Preta.

<sup>19</sup> Vicente Matheus Valle.

<sup>20</sup> Telê Santana da Silva.

<sup>21</sup> Coligay: Tricolor e de todas as cores, escrito por Léo Gerchmann.

D.C – Foi um jogo enlouquecido. Havia uma ansiedade da torcida do Grêmio. O Inter era octacampeão e a torcida do Grêmio estava em uma angústia que se sentia no ar. E o time do Inter era muito bom. O time do Inter era Paulo Falcão<sup>22</sup>, Valdomiro<sup>23</sup>. Aquela turma toda não era pouca coisa. E nesse jogo, especificamente, o Grêmio teve um pênalti a seu favor e o Tarcísio<sup>24</sup> perdeu o pênalti. Então [risos] foi uma coisa de tragédia. Mas ao mesmo tempo, o time era muito bom. Tu percebias, sabe aquela coisa de tu perceber a superioridade daquele time. Aquele time era para ser Campeão Brasileiro. Ele não foi por detalhe, porque o goleiro falhou em um jogo contra o São Paulo<sup>25</sup>. Era um time muito bom, era para ser campeão 1977 e 1978. Eram os anos para ele ser campeão. Não tinha nenhum time jogando futebol melhor. Tinha o São Paulo muito bom, tinha o Atlético Mineiro que estava com o Toninho Cerezo<sup>26</sup> e aquela turma toda. Mas aquele time era muito bom, jogava com jogadas ensaiadas, o Éder<sup>27</sup> na ponta esquerda, Tadeu Ricci<sup>28</sup> no meio, ele tinha Oberdan<sup>29</sup>. Ele era um time que as coisas funcionavam muito bem. A gente via no ar. Tanto que depois que o Grêmio fez o gol, o André Catimba<sup>30</sup> fez o gol e foi fazer aquele salto mortal e sente uma lesão. Uma distensão no ar. Tem aquela foto maravilhosa, ele voando. Ele está na horizontal. Ele é substituído e a torcida do Grêmio está tão angustiada que ela invade o campo antes de terminar o jogo. Chega no final, quarenta e dois, quarenta e três minutos, por aí. Faltavam uns dois ou três minutos para terminar o jogo [risos]. E a torcida do Grêmio naquela ansiedade. Era tamanha ansiedade que os torcedores começaram a pular porque sabiam que ia ser campeão. Ia ser. Não tinha como não ser. E começaram a cercar o campo [risos]. E uma hora o juiz foi marcar uma falta, não sei o que foi, levantou o braço e pensaram “terminou o jogo”. E aí um invadiu o campo e todo mundo invadiu e acabou o jogo [riso]. Então era a ansiedade da torcida, uma coisa louca [riso].

L.A – Que reações dos torcedores, do clube, da imprensa, você percebeu a partir do lançamento do livro do Léo sobre a Coligay?

---

<sup>22</sup> Paulo Roberto Falcão.

<sup>23</sup> Valdomiro Vaz Franco.

<sup>24</sup> José Tarciso de Souza.

<sup>25</sup> São Paulo Futebol Clube.

<sup>26</sup> Antônio Carlos Cerezo.

<sup>27</sup> Éder Aleixo de Assis.

<sup>28</sup> Mario Tadeu Ricci.

<sup>29</sup> Oberdan Nazareno Vilain.

D.C – Assim, reações tu diz?

L.A – É, se você observou comentários com relação a essa publicação e, se sim, que tipo de comentários?

D.C – Eu não vi nenhum comentário depreciativo. Só vi pessoas elogiando a iniciativa do Léo. Não vi ninguém depreciando ou debochando. Claro, a torcida do Inter vai. Aquele negócio: “Ah os gays, gaymio” eles falam. A torcida do Inter é evidente, como qualquer um. A torcida de futebol é isso, ela vai gozar: “os outros são gays”. Mas não foi assim, foi só uma gozação normal. Foi tudo muito saudável, não teve nenhuma manifestação pejorativa.

L.A – E você acha que o livro, em alguma medida, mudou a memória da Coligay em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no Brasil? Ele trouxe alguma mudança nesses registros de memória?

D.C – Eu acho que foi importante porque registrou. Um livro sempre serve como uma referência. Não existia ninguém, ninguém tinha contado essa história em livros, ninguém tinha deixado essa história registrada. E o Léo teve essa iniciativa de registrar. Isso é importante. Então ele registrou essa história, ele deixou marcado: “ó, existiu primeira torcida gay do Brasil. Isso aconteceu”. Foi importante o primeiro livro dele por isso.

L.A – Você chegou a ouvir falar ou a presenciar outras torcidas gays pra além da Coligay e da Interflowers?

D.C – Teve. No Brasil toda teve. O Cruzeiro<sup>31</sup> tem uma torcida marcante gay. Não lembro agora o nome. Mas eu me lembro que o Cruzeiro teve. Teve outros clubes que tiveram torcidas, assim, inspiradas nessas.

L.A – Sim. E fechando um pouco a entrevista, qual que você diria que é o significado da Coligay para o Grêmio?

---

<sup>30</sup> Carlos André Avelino de Lima

<sup>31</sup> Cruzeiro Esporte Clube

D.C – Talvez o Grêmio até devesse aproveitar mais isso. O Grêmio como instituição, essa primazia, vamos dizer assim, de ter tido a primeira torcida gay. Ou devia de alguma forma incentivar isso. Mas é claro que os clubes têm tantas outras preocupações, de repente fica fora da esfera de preocupações do clube. Mas o clube em si ele não trata muito disso. Não é uma preocupação direta do clube pelo o que eu vejo. Tinha antes. Eu não sei se o Grêmio tem ainda um departamento de torcidas que se chamava Departamento Eurico Lara. Eu não sei se tem ainda. Esse departamento cuidava das torcidas. Mas hoje o Grêmio tem muitas questões com torcidas que preocupam. Tem a Geral do Grêmio, que é muito aguerrida, que criou um jeito de torcer diferente, tem um canto para ela no estádio, às vezes tem briga, tem negócio de sinalizador. Então ele está muito preocupado com essas outras questões eu acho. Não chega a desenvolver alguma coisa assim. Poderia desenvolver nessa área.

L.A – Sim. Que iniciativas você acha que seriam possíveis de serem desenvolvidas?

D.C – Eu suponho que deva haver uma comunidade. Não sei se ali no caso o que houve foi um cara ou dois, que se organizaram dentro dessa boate e quiseram com que a coisa acontecesse. Certamente deve ter em algum nicho, digamos, no mundo gay, gente que tivesse interesse de ir ao estádio. Se organizar e fazer alguma coisa assim e torcer de forma organizada, fazer uma torcida gay ou alguma coisa. Suponho que sim. Esses dias eu estava vendo algumas pessoas falar: “ah a volta da Coligay”, uns e outros falando. Mas tem que ter alguém que organize em algumas dessas boates. Deve ter alguém que tenha interesse de fazer uma organização dessas.

L.A – E no âmbito da hipótese, você consegue vislumbrar isso acontecendo nos dias de hoje, no futebol que nós temos hoje?

D.C – É como eu te disse hoje em dia as coisas são mais violentas, mais agressivas. Por incrível que pareça, mesmo que hoje haja menos preconceito, porque hoje é comum, uma pessoa se diz gay, ela é recebida com naturalidade, a gente vê na sociedade. Normal. Mas mesmo assim existe um pouco de perigo. Porque um time perde, por exemplo, ou alguma coisa, tu não sabe o que pode acontecer. No conflito que pode dar. Eu, como jornalista, sempre frequentei estádios, eu senti a mudança de uns tempos pra cá. Quando Grêmio ou Inter perde, e está em uma fase ruim, o torcedor às vezes se volta contra ti, contra o

jornalista. Tu viras o culpado por aquilo. “Essa imprensa não sei o quê”, “essa imprensa vermelha”, “essa imprensa azul”, “essa imprensa gremista”. E aí as pessoas se tornam agressivas. Hoje em dia não tem mais aquela briga que havia antes, trocavam tapas ali e depois acabava e deu. Hoje é facada, é tiro. Tem gangues, têm torcidas violentíssimas. Tu viste que teve um aquele jogo de despedida do Fabiano<sup>32</sup> do Inter no Estádio Beira-Rio, um cara esfaqueou outro. E isso que as torcidas do Rio Grande do Sul não são tão violentas. Olha o que deu ali com Flamengo e Palmeiras agora a pouco, em Brasília. Então está ruim para qualquer iniciativa. Que bom, por exemplo, que nos Grenais, os caras conseguiram fazer aquela iniciativa de torcida mista, isso é bacana. Isso suaviza o ambiente. Mas hoje, vamos supor, se fizesse uma torcida só de mulheres, só mulheres. Nem sei se já existiu isso, acho que não. Mas aí só mulheres gremistas, ou só mulheres coloradas. Eu acho que funcionaria, tudo bem. Mas quando tu chega em um momento de derrota, aqueles caras que estão ali brabos, eles se voltam contra alguma coisa entende? Eles querem colocar a culpa em alguém, em alguma coisa. É um momento difícil no Brasil para qualquer coisa. Politicamente, esportivamente, socialmente. O Brasil vive um momento de tensões.

L.A – Com certeza. Bom, muito obrigada novamente pela entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>32</sup> Luiz Fabiano de Souza